



IDENTIFICAÇÃO SIMBÓLICA E MOVIMENTOS DE EFEITO DE AUTORIA

Mizael Inácio do Nascimento¹

Fabiele Stockmans De Nardi²

Como o próprio título indica, há a mobilização de dois conceitos-chave em sua proposição, requerendo uma breve retomada dessas noções (já trabalhadas nos capítulos anteriores) antes de passarmos efetivamente à análise das sequências discursivas que ilustrarão essa seção. Creio ser necessário porque, desse lugar de *entremeio* ou de *entre-línguas*, a identificação simbólica do sujeito torna-se indispensável tanto para sua inscrição em discursividade, quanto para os movimentos que apontam para a produção do efeito de autoria em língua estrangeira. Nessa ordem, o da língua estrangeira, alguns deslocamentos serão produzidos para compreender os gestos produzidos pelo sujeito-aluno que o levariam à produção desse efeito, já que a produção em língua estrangeira demanda uma relação diferente com a língua e, conseqüentemente, com a história.

Tomamos como imprescindível a identificação simbólica porque, por meio dela, dá-se a inscrição do sujeito numa ordem, num funcionamento de uma língua estrangeira, ou seja, o sujeito passa a se dizer a partir dela; nela se identifica e encontra um lugar de dizer, o que nos leva a afirmar que, se não há espaços para a identificação simbólica, não há sujeito na língua, lugar de onde ele se diz e produz sentidos. Contudo, como bem nos lembram Celada e Payer (2016), convém ressaltar que, ao se submeter à ordem ou ao funcionamento da língua para dela ser sujeito, deslizos, atos falhos e equívocos forçarão passagem nas produções discursivas daqueles que se põem a dizer.

Essa posição nos leva a defender que, embora não haja um processo de desidentificação por parte do sujeito-aluno com uma FD e que o seu dizer encontra-se inserido em discursos circulares – requisitos imprescindíveis para a fundação do **efeito-autor** (Gallo 2001, 2008) –, algumas tomadas de posição, a partir da identificação simbólica em língua estrangeira, apontam para o processo de contraidentificação do sujeito com os saberes pertencentes a uma determinada FD e indicam, assim, um movimento que produz um **efeito de autoria**. Dessa posição, o sujeito-aluno não produz uma mera repetição que não faz trabalhar a sua ligação com a memória discursiva, mas promove deslocamentos e constrói outros sentidos em seu discurso, em sua memória, a partir de seus gestos de interpretação, aqui entendida como lugar do trabalho de identificação desse sujeito que busca inscrever-se nessa nova rede de filiações que faz a língua significar e com esta/nesta também faz o sujeito se (res)significar.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto I do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde atua no curso de Licenciatura em Português-Espanhol na área de língua espanhola. É membro do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual-NEPLEV. Integra também o Grupo de Estudos em Práticas de Linguagem Latino-americanas.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada II do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, onde atua nos cursos de Licenciatura em Língua Espanhola e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Vice-líder do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual-NEPLEV, integra também o Grupo de Estudos em Práticas de Linguagem Latino-americanas e o LaDo-ELE – Laboratório de Formação Docente. Atualmente coordena o Núcleo de Língua Espanhola do Programa de Residência Pedagógica (CAPES/UFPE).

Seguindo Gallo (2001) a respeito da fundação, no nível discursivo por excelência, do **efeito-autor** – o segundo conceito-chave a que nos referimos no início – é a partir das circunstâncias de confronto que se funda o efeito-autor que, depois de fundado, tende a ressoar nos dizeres que constituem essa produção fundadora e com ela passam a manter uma relação parafrástica. Neste sentido, enquanto na função-autor há um movimento no interior de uma FD, no efeito-autor há uma ruptura e, por conseguinte, a instauração de uma FD dominante. Como efeito de realidade do sujeito, o efeito-autor se constitui no momento em que o sujeito produz um efeito de unidade e de fim que, inscritos no Discurso de Escrita, materializam-se pela prática de TEXTUALIZAÇÃO.

Destaca, ainda, a autora o fato de que essa prática e, conseqüentemente, o efeito-autor não se efetivam quando o dizer está inserido em discursos circulares, constitutivos do discurso pedagógico, pois eles têm como princípio a reprodução/repetição de modelos já dados, restritos ao universo escolar. Por esse viés, não haveria a TEXTUALIZAÇÃO no âmbito da esfera escolar e do discurso pedagógico já que essa prática está, ineludivelmente, inserida em um evento discursivo “responsável pela historicização do ‘texto’ ao produzi-lo como ‘TEXTO’³, e o sujeito como AUTOR” (GALLO, 2001, p. 85).

Ora, se o efeito-autor é da ordem da raridade e a função-autor é pouco eficaz para a produção de textos, segundo as palavras da autora, como significar as tomadas de posição de sujeitos-alunos em língua estrangeira que remetem à inscrição desses sujeitos na rede de filiações e da memória discursiva dessa nova língua? Começamos por defender que tais tomadas de posição produzem deslizamentos nos sentidos estabilizados que, por sua vez, indicam a emergência de um sujeito desejante buscando inscrever-se na memória discursiva de uma língua outra e que se concretiza a partir dos seus gestos interpretativos, indicativos de um movimento de efeito de autoria.

Para examinar o funcionamento dessa tomada de posição, retomamos a noção pecheuxiana de formação discursiva – *aquilo que pode e deve ser dito* – e as formulações de Indursky (2019) que a designa como um lugar heterogêneo cujo domínio de saber é atravessado por outros saberes provenientes de outras posições-sujeito, ou seja, um lugar que comporta diferenças mais ou menos marcadas e divergências fortemente acentuadas. Para proceder as próximas análises, consideraremos que as produções discursivas dos sujeitos-alunos estão inscritas no Discurso Acadêmico-Pedagógico atravessado pelo Discurso Literário a partir do qual se podem observar as duas posições-sujeito (posição-sujeito-professor e posição-sujeito-aluno) e os diferentes modos de subjetivar-se. Vejamos como esse funcionamento se constrói no seguinte recorte.

Já nas primeiras linhas que abrem o texto, a posição-sujeito-aluno se torna visível e identificável por meio de uma estratégia discursiva de tom qualificativo/valorativo. Esse modo de dizer se concretiza pela presença de um adjetivo para justificar a sua posição, ou seja, a posição assumida pelo sujeito-aluno no discurso se ancora numa valoração do que ele está dizendo, funcionando como um modo de subjetivação a partir do qual ele busca convencer aquele que, em seu imaginário, representa o fiador dos sentidos a serem produzidos, conforme se pode constatar nas sequências discursivas que se seguem:

³ Ressaltamos a distinção que a autora faz dos termos “TEXTO” e “texto”. O primeiro é tomado como efeito da prática de TEXTUALIZAÇÃO; o segundo, como objeto empírico resultante dessa prática. Convém, também, esclarecer que utilizamos as palavras grafadas em maiúsculo para preservar a forma como a autora as utiliza nas obras citadas.

SD01

La primera cosa a se observar en Los Comentarios reales ^(cursiva) son las razones que levaran Inca Garcilaso de la Vega a lanzarse en esa tarea. Empezar por la su biografía no es mala idea, una vez que ella está intrinsecamente ligada a no sólo las motivaciones para escribir, sino también a las justificativas para sus posicionamientos y decisiones.

SD02

Hijo de una princesa Inca y un navegador ^{conquistador} español, el Inca Garcilaso de la Vega nació en el Perú, donde vivió hasta sus veinte años de edad, cuando se fue vivir en España, donde se quedó por el resto de su vida. Aunque tenga ^{haya} tenido contacto con la lengua y cultura españolas desde muy temprano por ser hijo de un español, vivió inmerso en la cultura inca buena parte de su vida.

SD03

Sólo esto ya es suficiente para empezarnos a comprender un poco de esa indecisión o al menos falta de transparencia con relación a su sentimiento de pertenencia nacional. Ya en el Proemio al lector, Garcilaso declara amor a su patria Inca, pero hace cuestión de aclarar su creencia cristiana y conmemorar el propósito de la conquista, mostrando así una dualidad que lo acompañará en toda su obra.

Na SD01, a justificativa para as motivações que levaram Inca Garcilaso a escrever e, desse modo, deixar claros seus posicionamentos e decisões se encontram em sua biografia que, segundo o sujeito-aluno, torna-se parte importante para compreender tais fatos e, por isso, do seu ponto de vista, ela é qualificada como não sendo uma “*mala idea*”. Na SD03, a dualidade que caracteriza o referido autor se justifica pelo fato de ele ser filho de mãe inca e pai espanhol e, por ter vivido a maior parte de sua vida na Espanha, “*ya es suficiente*” para que se compreenda a dualidade que constitui Inca Garcilaso quanto ao sentimento de pertencimento nacional. O que se vê nessas duas sequências, como antecipamos, é a presença de um adjetivo, que qualifica/realça a voz do sujeito-aluno nesse lugar de autor, usado para justificar os argumentos por ele defendidos, imprimindo-lhes um tom qualificativo/justificativo. Ao imprimir esse tom às suas formulações, do nosso ponto de vista, o sujeito já evidencia um modo de subjetivar-se nessa língua estrangeira e com ela passa a identificar-se, tomando a palavra e buscando inscrever-se em traços significantes e interdiscursivos nessa nova ordem. Enfim, é a partir desse modo de dizer que o sujeito-aluno começa a produzir os movimentos de efeito de autoria e a produzir, conseqüentemente, espaços de (se) dizer nesta outra língua.

Mas, apesar dessa estratégia de convencimento em suas formulações, o sujeito-aluno, ao tomar a palavra, vê a sua posição questionada, denegada, como constatado nas SD02 e SD03, pelo sujeito-professor que, dessa maneira, evidencia uma outra posição-sujeito nessa FD. A interdição/denegação das afirmações “*un navegador español*” e “*falta de transparencia con relación a su sentimiento de pertenencia nacional*” constata a afirmação segundo a qual a FD se constitui como “um domínio onde há espaço para

a diferença e a divergência, tornando-se igualmente heterogênea, não idêntica a si mesma.” E que “cada uma destas posições-sujeito indica diferentes modos de se relacionar com a forma-sujeito e, através dela, com a ideologia” (INDURSKY, 2008, p. 6-7). Aproximando as lentes sobre a interdição da escolha do item lexical “navegador”, fica evidente a ilusão da “evidência da língua” que provoca uma outra ilusão: a de que o sentido estaria colado à palavra, cabendo ao sujeito perceber a “inadequação” de seu emprego nas condições de produção em que seu texto se produz. Contudo, a sua presença serve para desestabilizar essa ilusão e, ao mesmo tempo, revelar que, ao selecionar esse item lexical, o sujeito marca uma posição ideológica que entra em jogo nesse processo sócio-histórico que envolve a textualização de seu texto. Além disso, a interdição aqui produzida não deve ser vista apenas como critério de “adequação/inadequação” de uso, mas, pelo contrário, demonstrar que o que está em jogo são as memórias discursivas que constituem as línguas; e que as memórias de sentidos que esta palavra guarda funcionam de modo distinto para os sujeitos neste processo de interlocução. Enfim, a memória da palavra na relação do objeto que designa, já que o sujeito-aluno se permite dizer “navegador” e o sujeito-professor, a partir da posição que ele assume, não vê “navegador” como uma possibilidade.

Concebida desse modo, essa FD abriga a inscrição de ambas as posições-sujeito divergentes e garante a inscrição do sentido discordante por meio do qual se inscrevem as diferentes formas de realização da subjetividade. Nessa rede de valores e sentidos, os modos enunciativos podem ser diversos, como vimos, e a posição assumida pelo sujeito e as condições de produção é que determinarão os efeitos de sentido produzidos. É a partir dela que se observa a disputa entre as duas posições-sujeito, por exemplo, pela (in)adequação dos itens lexicais “navegador/conquistador” que, de um lado, revelam de modo diverso as memórias de sentidos que cada uma dessas palavras guarda para cada um dos sujeitos envolvidos nesse espaço de interlocução; e, de outro, desestabilizam a ilusão da existência de um ponto de vista único de nomear o mundo. Com base nessa posição, constata-se a submissão do sujeito às formas de dizer e à memória de sentidos que a língua produz, pois, numa língua que é outra, os saberes se inscrevem em determinadas filiações históricas, processo imprescindível para a subjetivação na ordem de uma língua estrangeira.

Acrescentamos, ainda, que essas diferentes formas de realização da subjetividade, travadas no âmbito desse espaço de reformulação-paráfrase (ou formação discursiva) entre as duas posições-sujeito divergentes, constituir-se-ão por meio de uma ilusão necessária de “intersubjetividade falante, pela qual cada um sabe de antemão o que ‘outro’ vai pensar e dizer..., e com razão, já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro, uma vez que cada um é o espelho dos outros” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 172). Tal ilusão é resultado do trabalho dos esquecimentos nº 1 e nº 2, inerentes a todo processo discursivo, e funciona como realidade de seu pensamento para o sujeito-falante. Na materialidade aqui analisada, pode-se dizer que esse funcionamento se produz de forma espelhada como se cada um dos sujeitos, a partir de suas posições (e formações imaginárias), enunciasse: “eu sei o que estou dizendo”, “eu sei do que estou falando”, como forma de explicitar e explicar o que eles dizem (ou pretendiam dizer).

Nas próximas sequências discursivas, vou analisar um outro modo de subjetivação: a designação “aprovechador”, presente no texto na forma de locução “tirar provecho”/“tirando provecho”, que sinaliza a posição-sujeito-aluno sobre a dualidade que caracteriza o escritor Inca Garcilaso.

SD04

¿Cuál es el tamaño de la influencia occidental en la forma de Inca Garcilaso ver las cosas? ¿Él es un occidental noble tirando provecho de su condición mestiza para promoverse o un indio americano tirando provecho de su condición privilegiada de noble para hacer una demostración de amor a su verdadera patria?

SD05

Inca, indio, mestizo, migrante por la naturaleza y oscilante. Todas esas palabras sirven para referenciar el Inca Garcilaso de la Vega. Sin embargo la oscilación para él es genuina, él tira provecho de esto cuando le conviene como uno de sus recursos, pero es importante que se quede claro que no es escenificación. Garcilaso es verdaderamente Inca, verdaderamente español y ama con sinceridad y lealtad las dos mitades suyas.

A repetição dessa locução, que no recorte posto em evidência aparece três vezes, e o modo como ela é construída revelam um movimento de inscrição do sujeito em discursividade na outra língua, resultando na produção de um efeito de autoria. Para tanto, esse processo de designação se constrói da seguinte maneira: ao produzir seus gestos de interpretação, o sujeito-aluno coloca essa condição como sendo da ordem da dúvida, do questionamento, durante o início do seu texto (SD04); ao finalizá-lo, essa condição é trabalhada por ele como um fato, ou seja, Inca Garcilaso é retratado como um “aproveitador” quando lhe é conveniente (SD05), sinalizando uma posição-sujeito que se distancia, de certo modo, da dos autores da bibliografia crítica, Garrido e Mazzotti. O primeiro designa Inca Garcilaso como “sujeito oscilante”; e o segundo, “sujeito migrante”. Em sua interpretação, o sujeito-aluno não se desidentifica com essas posições, mas promove um deslizamento desses sentidos e, por conseguinte, um distanciamento dessas posições, ao afirmar que essa oscilação se manifesta quando parece conveniente ao escritor, o que caracteriza uma contraidentificação com a posição-sujeito dominante no interior dessa FD, como pode ser observado na SD04. Fica visível, dessa forma, que há uma identificação com o modo de dizer, mas uma contraidentificação com o dito, ou seja, há uma concordância por parte do sujeito-aluno com as formas de se fazer referência a Inca Garcilaso (*inca, mestizo, indio, migrante, oscilante*), mas há também uma discordância quando se sugere que essa dualidade que acompanha o autor se trata de uma encenação.

Esse processo de designação, portanto, traz em si uma posição-sujeito que vincula o seu dizer a uma rede de valores e sentidos e a uma memória discursiva, além de estabelecer uma posição subjetiva e, por conseguinte, ideológica. Isso porque o que se enuncia significa pela relação estabelecida entre a linguagem e as coisas significadas em um processo enunciativo específico. É neste sentido que esse processo de significação, que se produz no funcionamento da língua combinado com a materialidade histórica, é definido por Guimarães (2017) como *designação*, por meio da qual se produzem diferentes efeitos de sentidos, por diferentes sujeitos que se encontram inscritos em memórias discursivas igualmente diferentes. Por esse viés, a repetibilidade da designação “*aprovechador*”, aqui posta em análise, contribui para a produção de um outro efeito de sentido e de um movimento que aponta para o efeito de autoria, já que ela (a designação) “de alguma maneira, constitui uma relação com o real pela qual podemos falar dele.

A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significado pela linguagem” (GUIMARÃES, 2017, p. 154). Sob essa perspectiva, é a partir do encontro entre o real da língua (o impossível) e o real da história (a contradição) que o sujeito-aluno estabelece uma relação simbólica e ideológica na construção do seu fio discursivo e promove nele movimentos que indicam a produção do efeito de autoria.

Fixando o olhar ainda sobre a SD05, chama a atenção a estratégia utilizada pelo sujeito-aluno para (re)afirmar sua posição: há uma concordância quanto às designações usadas para definir Inca Garcilaso (*inca, indio, mestizo, migrante, oscilante*), mas que vem marcada por uma contraposição, isto é, esses traços que caracterizam o autor são aceitáveis desde que sejam tomados como autênticos e não como fingimento; há, ainda, uma tomada de posição que pretende ser “inquestionável” sobre essa dualidade que perpassa o sentimento de pertencimento do autor (inca ou espanhol?) e que o sujeito-aluno apressa-se para dirimi-la ao afirmar que Garcilaso é “verdadeiramente” constituído por essas duas metades (“*Gacilaso es verdaderamente Inca, verdaderamente español y ama con sinceridad y lealtad las dos mitades suyas*”). Ao modalizar a afirmação por meio do uso do advérbio “verdadeiramente”, o aluno nessa posição-sujeito assume que o que está sendo formulado tem existência real e não se trata simplesmente de algo dito ou fingido, revelando, por um lado, os conflitos e confrontos que constituem a produção de sentidos; e por outro, o discurso enquanto lugar de embate de posições opostas, pois, ao se fazer uma afirmação, automaticamente, nega-se uma outra.

Guardadas as especificidades necessárias à fundação do efeito-autor, já trabalhadas no início dessa seção, parece-me produtivo mobilizar os processos de AUTENTICAÇÃO e LEGITIMAÇÃO (GALLO, 2008) a fim de aprofundar a análise da formulação apresentada no parágrafo anterior e observar como esses processos se constituem e apontam para o que estou designando movimento do efeito de autoria, produzido por um sujeito que se põe a dizer e que, portanto, ancora-se nesses dois processos. De modo inter-relacionado, AUTENTICAÇÃO e LEGITIMAÇÃO se encontram na base da prática de TEXTUALIZAÇÃO que, como já vimos, constitui-se pela dispersão (nível inconsciente) e unidade/fechamento (nível pré-consciente). Pelo processo de AUTENTICAÇÃO, o sujeito busca conter a dispersão constitutiva, produzindo, ao mesmo tempo, um fechamento que se materializa pelo processo de LEGITIMAÇÃO. Vejamos como ocorrem esses processos na seguinte passagem da SD05: “*Gacilaso es verdaderamente Inca, verdaderamente español y ama con sinceridad y lealtad las dos mitades suyas*”.

Nessa formulação, visando conter a dispersão dos sentidos (processo de AUTENTICAÇÃO), pois Garcilaso se designa inca, mestiço, índio e é designado como sujeito oscilante e sujeito migrante, o sujeito nessa posição-autor procura legitimar, por meio do processo de LEGITIMAÇÃO, um efeito de sentido único para seu dizer, na medida em que afirma que o autor é “verdadeiramente Inca, verdadeiramente espanhol e ama com sinceridade e lealdade as suas duas metades”, ou seja, o sentido por ele legitimado é descolado de suas outras possibilidades de sentido. Essa afirmação se assenta no fato de que, por meio desse processo, ocorre o “apagamento da formação (parafrástica) discursiva de onde o enunciado se despreza, o que produz como consequência ‘UM’ sentido legitimado” (GALLO, 2008, p. 89). No caso do objeto de nossa pesquisa, ou seja, a inscrição do sujeito no discurso pedagógico-acadêmico, convém ressaltar que, ainda conforme as formulações da autora, o processo de LEGITIMAÇÃO no âmbito desse discurso não se dá, pois fixam-se as formas e sentidos já fixados, isto é, extraídos dos “textos”, o que nos possibilita tratar não

como efeito-autor, mas como movimentos de efeito de autoria os gestos produzidos pelo sujeito-aluno a partir de suas posições-sujeito na esfera do discurso pedagógico-acadêmico.

Com base nessas considerações, afirmamos, entretanto, que o processo de LEGITIMAÇÃO não ocorre em nível discursivo, mas em nível enunciativo, posto que o discurso do sujeito-aluno está inscrito no Discurso Acadêmico-Pedagógico e não no Discurso de Escrita, que comporta discursividades com efeito de fechamento, de finalização e de legitimação em sua textualidade, produzindo um efeito de sentido mais ou menos unívoco, sem ambiguidade aparente. Ademais, esse tipo de discurso tem uma forma própria de circulação e formulação, como por exemplo, o jornal, a rádio, a televisão, o livro, etc.

Outro fator que me parece relevante para a produção desse efeito de autoria está atrelado ao desejo de tudo se dizer ou de dizer-se por inteiro – mesmo que as palavras faltem (e elas sempre faltam) – que produz a identificação do sujeito-em-línguas e sujeito-em-escritas, isto é, um sujeito imerso em ordens significantes. Por esse viés, a identificação simboliza “a condição instauradora, a um só tempo, de um elo social e de um elo com o objeto do desejo do sujeito” (SERRANI, 1998, p. 252). Representa a relação do sujeito com a língua(gem) e possibilita que o sujeito tome a palavra e, assim, imerja na dimensão simbólica e se constitua na segunda língua. Como marca simbólica, a partir da qual o sujeito adquire sua singularidade, ela é necessária para a construção do sentimento de pertencimento do sujeito no mundo e nas relações sociais, tendo a língua(gem) como mediadora dessa construção.

Assim, para finalizar diremos ainda que, mesmo que esses textos inscrevam na FD do discurso acadêmico-pedagógico atravessado pelo discurso literário, na medida em que eles são produzidos para fins estritamente avaliativos, o fato de essas materialidades se realizarem em língua estrangeira nos leva a interpretar o modo como algumas tomadas de posição do sujeito se produzem como indicador de um movimento de efeito de autoria, apesar de seu dizer encontrar-se inscrito em discursos circulares e de não haver rupturas no interior de uma FD.

Parece-nos razoável pensar dessa maneira se considerarmos que a escrit(ur)a em outra língua demanda uma relação diferente do sujeito com a língua, com a história, com as memórias, sobretudo quando essa prática se produz na esfera acadêmica, na qual o outro (o professor) se constitui pelo/no movimento de citação que reverbera no imaginário que o aluno tem desse outro enquanto fiador dos sentidos e dos modos de dizer a serem produzidos. Há de se considerar também os processos de arranjos e rearranjos que estruturam essa prática, o desejo para inscrever-se na rede do dizível dessa nova língua, que não é a base do psiquismo do sujeito, a mobilização de outras memórias discursivas e o domínio de uma sintaxe que ainda provoca estranhamentos naquele que busca constituir-se enquanto autor nessa/dessa nova ordem. Destacamos ainda que, do ponto de vista do marco teórico da AD, não existe texto desprovido de autoria e que não há efeito-autor sem função-autor, dado que “há sempre uma zona do reconhecível para que o sentido possa ser interpretável” (GALLO, 2008, p. 213).

E é justamente nessa zona do reconhecível que o modo como o sujeito toma a palavra e se diz enquanto tal, nessa outra língua, pode caracterizar movimentos de efeito de autoria, resultantes das identificações simbólicas, mediante as quais há a inscrição desse sujeito da linguagem numa ordem, num funcionamento e ele possa assumir uma posição autoral nesse simbólico, nas distintas ordens de seu funcionamento, como a leitura e a escrit(ur)a. Enfim, são movimentos que, a partir dos seus gestos de interpretação e dos seus modos de dizer, levam-no a produzir sentidos e não apenas reproduzi-los.

REFERÊNCIAS

CELADA, María Tereza. Sobre sujeitos, língua(s), ensino. Nota para uma agenda. In: PAYER, Maria Onice e CELADA, M. T. (org). **Subjetivização e processos de identificação**: sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 17-41.

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 1, n. 2, p. 1-3, jan./jun. 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, Eduardo **Como o texto se produz**: uma perspectiva discursiva. Blumenau: Nova Letra, 2008.

INDURSKY, Freda. **O discurso do/sobre o MST**: movimento social, sujeito, mídia. Campinas: Pontes Editores, 2019.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília D. A. (org.). **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-33.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, [1975] 1995.

SERRANI-INFANTI, Silvana Mabel. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, Inês. (org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Fapesp/Faep/Mercado de Letras, 1998.